

Um Elefante Letrado na sala de aula dos anos iniciais: (des)caminhos da plataformização na educação

A Literate Elephant in the Early Years Classroom: (Mis)paths of Platformization in Education

Un elefante alfabetizado en el aula de educación infantil: (Des)caminos de la plataformización en la educación

Eliane Fernandes Azzari¹

 0000-0003-3861-0712

Victoria Furumoto Puttomatti²

 0009-0004-4938-7805

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise qualitativa e interpretativa dos elementos que compõem a plataforma Elefante Letrado que, atualmente, é amplamente adotada na educação básica pública e privada em diversos estados e municípios brasileiros. Aborda a relação entre tecnologia e educação sob perspectiva crítica e considera a plataformização como efeito da vertente mercadológica e tecnicista que subsidia as concepções de leitura, compreensão e fluência leitora que fundamentam a Elefante Letrado. Os dados advêm de recortes extraídos do site do desenvolvedor da plataforma e são discutidos a partir do diálogo com a fundamentação teórica. Os resultados apontam que a adoção de IA na Elefante Letrado visa estruturar um recurso de métrica de fluência leitora baseada na velocidade da leitura oral. Essa ferramenta está ancorada em epistemologias datadas e retrógradas que aplicam à leitura, à memória e à compreensão um caráter racionalista e mecanicista, baseado no conceito de linguagem como código a ser transcrito e de mensagem como portadora de sentidos fixos a serem apreendidos por leitores cuja proficiência seria proporcional à rapidez da leitura de um texto em voz alta.

PALAVRAS-CHAVE: Fluência leitora; Plataformização; Anos iniciais.

ABSTRACT: This article presents a qualitative and interpretative analysis of the elements that constitute the Elefante Letrado platform, which is currently widely adopted across public and private basic education in several Brazilian states and municipalities. It addresses the relationship between technology and education from a critical perspective and considers platformization as an effect of the market-driven and technocratic approach that underpins the conceptions of reading, comprehension, and reading fluency that underpin Elefante

¹ Doutora em Linguística Aplicada (Unicamp). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: eliane.azzari@puc-campinas.edu.br.

² Mestre em Educação (PUC-Campinas). Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: victoriafp335@gmail.com.

Letrado. The data comes from excerpts taken from the platform developer's website and is discussed in dialogue with the theoretical framework. The results indicate that the adoption of AI in Elefante Letrado aims to structure a reading fluency metric based on oral reading speed. This tool is anchored in outdated and retrograde epistemologies that apply a rationalist, mechanized character to reading, memory, and comprehension, based on the concept of language as a code to be transcribed, and of the message as a bearer of fixed meanings to be apprehended by readers who are as proficient as they are quick to read a text aloud.

KEYWORDS: Reading fluency; Platformization; Elementary school.

RESUMEN: Este artículo presenta un análisis cualitativo e interpretativo de los elementos que conforman la plataforma Elefante Letrado, ampliamente adoptada en la educación básica pública y privada de varios estados y municipios brasileños. Aborda la relación entre tecnología y educación desde una perspectiva crítica y considera la plataformización como un efecto del enfoque tecnocrático y de mercado que sustenta las concepciones de lectura, comprensión y fluidez lectora que sustentan Elefante Letrado. Los datos provienen de extractos del sitio web del desarrollador de la plataforma y se discuten en diálogo con la fundamentación teórica. Los resultados señalan que la adopción de IA en Elefante Letrado busca estructurar un recurso métrico de fluidez lectora basado en la velocidad de lectura oral. Esta herramienta está anclada en epistemologías anticuadas y retrógradas que aplican un carácter racionalista y mecanizado a la lectura, la memoria y la comprensión, basadas en la concepción del lenguaje como código a transcribir y del mensaje como portador de significados fijos a aprehender por lectores tan hábiles como rápidos para leer un texto en voz alta.

PALABRAS CLAVE: Fluidez en la lectura; Plataformización; Años iniciales.

Introdução

Abordar a leitura e a escrita nos Anos Iniciais é tarefa desafiadora, que exige tratamento cuidadoso e requer o endereçamento da multiplicidade de fatores que permeiam a educação. A complexidade da tarefa de letrar as infâncias demanda conhecimentos transdisciplinares, que englobam estudos da Ciência da Educação, da Linguagem, da Psicologia, entre outros campos do saber. Não se trata, portanto, apenas de buscar e adotar recursos tecnológicos (analógicos ou digitais) para realizar e avaliar atividades de leitura ou escrita, sem considerar o vasto conhecimento já produzido (Carvalho; Souza, 2023; Pires; Silva; Germano, 2024; Medeiros; Manzé; Shimazaki, 2024; Gonçalves; Pietri, 2025).

Parte dessa desafiadora tarefa concentra-se na construção epistemológica acerca da fluência leitora ou de leitura. O estudo deste construto ganhou visibilidade na pesquisa brasileira sobretudo a partir da publicação da Base Nacional Comum

Curricular (Brasil, 2018) e da Política Nacional de Alfabetização (Brasil, 2019).

Segundo Pires, Silva e Germano (2024, p. 2), “[...] a fluência de leitura refere-se ao ato de ler com naturalidade, precisão e expressividade”. Em estudo conduzido por essas autoras, os resultados apontaram que a fluência leitora é desenvolvida ao longo das séries escolares e que há uma tendência à estabilização desse processo nos anos finais do ensino fundamental. As pesquisadoras também destacam como essa habilidade está associada à compreensão da leitura e ao desempenho acadêmico dos estudantes. Portanto, fica evidenciado que, ao falarmos em fluência leitora (ou de leitura), estamos nos referindo ao desenvolvimento processual de uma habilidade correlata a outras questões de letramento (Soares, 2021), a qual, por sua complexidade, não pode ser reduzida à aplicação de métodos e/ou recursos midiáticos tecnológicos que prometem soluções rápidas e eficientes, que generalizam e reduzem os enredamentos desse processo.

Diante do exposto, neste estudo exploratório, analisamos as implicações de plataformas digitais que usam modelos de IA para a avaliação da fluência leitora, como a Elefante Letrado. A plataforma, de acordo com seus desenvolvedores, disponibilizou, em 2023, o “[...] primeiro Teste de Fluência Leitora em português, totalmente em ambiente digital. Com a ajuda de recursos de inteligência artificial e de muita pesquisa apoiada por especialistas [...]” (Elefante Letrado, 2023). Propomos aqui uma análise qualitativa e interpretativa (Creswell; Creswell, 2021), fundamentada em discussões críticas sobre educação e suas relações com: as tecnologias – com foco na Inteligência Artificial, doravante IA (Azzari, 2024; Facer; Selwyn, 2021; Castro; Kalantzis; Cope, 2024), a plataformização (Evangelista; Cruz, 2024; Freitas, 2021), e a pedagogia (Freire, 2023; Biesta, 2020).

Após esta Introdução, organizamos o artigo em seções. Em “Letramentos, leitura e fluência leitora”, revisamos concepções de leitura e letramentos a fim de compreender as diversas visões que fundamentam o debate para a temática. Em um segundo momento, na seção “Meandros da plataformização e a/na educação em perspectiva crítica”, apresentamos o movimento neotecnicista da plataformização da educação. Em seguida, na seção “Apontamentos metodológicos”, estabelecemos nossas matrizes metodológicas. Já na seção “Encarando o Elefante (Letrado) posto

na sala (de aula)”, descrevemos e analisamos a plataforma Elefante Letrado – com ênfase em sua ferramenta de teste de fluência leitora. E, finalmente, na última seção, encaminhamos nossas considerações e inquietações para esta discussão e defendemos que a avaliação da fluência leitora mediada por plataformas baseadas em IA e pautadas da velocidade da leitura em voz alta, tal qual a analisada, reduz processos complexos de leitura a métricas quantificáveis, reforçando lógicas de controle, padronização e plataformização da educação.

Letramentos, leitura e fluência leitora

Para analisar implicações de plataformas digitais que usam modelos de IA para a avaliação da fluência leitora, recuamos alguns passos e elencamos epistemologias que orientam as visões de letramento(s), de leitura e, também, de plataformização na educação.

De acordo com Soares (2021, p. 28) o conceito de letramento se refere à “[c]apacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita [...]”. Tais práticas também dizem respeito a sistemas de representação diversos, por isso a ênfase em “letramentos”. Para a estudiosa, o termo alfabetização engloba um conjunto de habilidades, técnicas e procedimentos que podem ser entendidos como “tecnologia da escrita”, desde o domínio da representação do sistema alfabético até a organização espacial do texto. Para Soares, a criança é vista como um sujeito ativo que (re)constrói o sistema alfabético por meio de situações reais, na contramão das interações com materiais “fabricados” para o aprendizado da leitura e da escrita. Ainda, os métodos ditos “tradicionais” rotulam a criança enquanto “pronta” ou “não pronta” (destaques da autora) para uma determinada etapa da apropriação da língua escrita (Soares, 2004).

Mattos (2011) também discute as concepções de conhecimento e leitura, bem como suas respectivas transformações, apoiada principalmente em Menezes de Souza e Monte Mor (2006). Em nossa interpretação, em diálogo com a pesquisadora, com o advento da internet, o termo “letramentos” passou a assumir diversos sentidos devido à ampliação das possibilidades de leitura. Ou seja, a

articulação entre texto, imagem e som expandiu as formas de compreensão de leitores, bem como a maneira desses leitores se relacionarem com a sociedade e a cultura.

Conforme Monte Mor, Duboc e Ferraz (2021), no âmbito das pesquisas realizadas por integrantes do Projeto Nacional de Letramentos (DGP/CNPq)³, há muitos estudos publicados que advogam em favor da perspectiva dos letramentos críticos. Enquanto prática educacional, essa vertente visa problematizar as visões dominantes para a leitura e a escrita a partir da reflexão sobre o próprio lugar ocupado pelo sujeito no mundo (Mattos, 2011). Desse ponto de vista, para além da participação em práticas letradas, os sujeitos-leitores questionam as estruturas, os discursos e as relações de poder que permeiam as representações e as construções nas línguas e linguagens.

Nesse sentido, a leitura deixa de ser um simples ato de decodificação de códigos e representações e passa a ser vista como atividade-chave nas práticas de letramento(s), que fundamentam a construção da criticidade e da formação cidadã.

Essa perspectiva está também alicerçada na proposta freireana de que “[...] para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida”, o que nos leva a entender que se trata de um “[...] ser de relações, e não somente de contatos, [que] não apenas está no mundo, mas com o mundo” (Freire, 2025, p. 55). Assim, para o pedagogo, somos (inter)locutores de textos e exercitamos a leitura crítica de mundo a partir da “curiosidade epistemológica” (Freire, 2023, p. 2027).

Focalizando a leitura e a escrita na transição entre a Educação Infantil e o Ensino fundamental, Melo, Tassoni e Rocha (2025), apontam que documentos normativos, tais como a BNCC (Brasil, 2018), desvinculam a alfabetização das práticas de letramento. Para as autoras, isso demonstra que a leitura e a escrita ainda são associadas a uma visão de língua escrita concebida como código a ser memorizado e decifrado. Conforme ponderam essas pesquisadoras, isso resulta de

³ Saiba mais a respeito do PNL em: PROJETO NACIONAL DE LETRAMENTOS. *Projeto Nacional de Letramentos: linguagem, cultura, educação e tecnologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, [2026]. Disponível em: <https://letramentos.fflch.usp.br/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

uma construção epistemológica pautada na linguagem como instrumento que conectaria produtores e receptores de mensagem (concepção já amplamente discutida, desconstruída e problematizada no campo dos estudos da linguagem, conforme discute Azzari, 2017).

Kramer e Melo (2000) defendem a leitura enquanto campo de construção de sentidos entre os interlocutores. Nessa experiência coletiva de debate e trocas, interpretações e comentários constituem um momento de reflexão, para além da leitura apenas por erudição, atravessando diferentes dimensões da vida. Assim, os aspectos artísticos e estéticos da leitura permitem conhecer e questionar o mundo social. As autoras também comentam o papel da memória para os processos de significação, problematizando a concepção de memória apenas como função psicológica para o desenvolvimento da habilidade e do hábito de leitura, esclarecendo que é através da memória (atrelada à linguagem) que resgatamos o passado, a fim de ressignificar criticamente o presente. Portanto, nesse viés, narrar o passado (por intermédio da escrita e da leitura), torna-se um exercício para a construção da história pessoal e coletiva.

Em síntese, os posicionamentos de Kramer e Melo (2000), Soares (2004) e Melo, Tassoni e Rocha (2025) convergem quanto à leitura e à apropriação do sistema alfabético pela criança de maneira contextualizada. Compreendem a cultura escrita como fruto da atividade e das relações humanas; logo, mais do que conhecer e dominar os sinais da língua, é em/por meio da palavra que a criança representa e está no mundo, constituindo-se e construindo suas identidades culturais.

Ainda conforme Soares (2021), na leitura, a criança não está apenas a decifrar os sons das letras, mas sim imersa em um ato de interação com os significados atribuídos às palavras. Por sua vez, os sentidos produzidos nessa interação dialogam com o repertório que permeia e constitui o contexto social e cultural dessa criança.

É nesse (ou desse) quadro epistemológico que surgem as problematizações e conceituações relativas à fluência leitora. Medeiros, Manzé e Shimazaki (2024, p. 3), apontam que “[...] o interesse pela habilidade leitura fluente é recente”, e recebeu destaque a partir dos anos de 2000. Associada principalmente a resultados obtidos

em avaliações de larga escala, os autores explicam que essa preocupação tornou-se central no âmbito educacional, em diversos países, em função de sua conexão com a compreensão leitora e, conseqüentemente, com o desempenho escolar. Nesse viés, a fluência de leitura é constituída por precisão, prosódia e automaticidade (Medeiros; Manzé; Shimazaki, 2024, p. 3).

Mas, apesar de estar em pauta em discussões mais recentes, a questão da Fluência Leitora já despertou o interesse do chamado universo das *EdTechs* (empresas que desenvolvem e vendem tecnologias educacionais). Isso pode ser entendido a partir do que discute Apple (2024, p. 57), para quem as relações entre educação e poder se refletem no fato de que “[e]nquanto instituições culturais e econômicas” as escolas refletem transformações operadas nos campos do trabalho, da cultura e da legitimação social. Assim, a procura por soluções tecnológicas para avaliar o desenvolvimento de habilidades tais como a fluência de leitura estaria relacionada à procura por “[...] *um método mais eficiente* de fazer o trabalho curricular” (Apple, 2024, p. 59, destaque do original).

Nesse sentido, encaminhamos nossa discussão pelos meandros da plataformização e suas imbricações na educação.

Meandros da plataformização e a/na educação em perspectiva crítica

Há um movimento que tem introduzido na escola tecnologias digitais que são fomentadas por recursos de IA. Trata-se de uma ação sustentada pelos discursos de melhoria das práticas pedagógicas, da qualidade do ensino, da personalização da aprendizagem e do fortalecimento da gestão (Azzari, 2024). Soma-se a isso, perspectivas que protagonizam políticas de avaliação externas nacionais e internacionais e que sustentam a responsabilização das escolas pelo aprendizado dos alunos (Freitas, 2014), muitas vezes simplificando ou até mesmo ignorando as complexas relações, fatores e atores que integram os processos educativos. Nesse sentido, há o fortalecimento de uma concepção neotecnicista para o ensino (Saviani,

2011), que prioriza o controle dos resultados educativos e o alcance de metas.

De acordo com Saviani (2011), o Estado cria mecanismos e agências regulatórias para avaliar a eficiência e a produtividade nas escolas. Dessa forma, sob o princípio da qualidade total, a avaliação torna-se um recurso que reconhece e bonifica bons resultados, mas também pune professoras e alunos que não se adaptam às “regras do jogo”.

Nesse sentido, atrelada à responsabilização, à meritocracia e à padronização, Freitas (2021) afirma que a relação professora⁴ e alunos também foi mercantilizada. Os processos pedagógicos foram ressignificados em atingir metas e a transmitir conteúdos numa lógica que favorece a ideia de empreendedorismo de si. Entre as implicações para docentes e estudantes estão as interações mediadas essencialmente por artefatos digitais, implementados no contexto escolar com operação de cunho obrigatório. Protagonistas das tecnologias contemporâneas, os modelos de IA são inseridos nesse processo como sinônimo de avanço, inovação e incremento da qualidade (Azzari, 2024).

A esse respeito, Evangelista e Cruz (2024, p. 14) retomam proposições foucaultianas para associar o fenômeno da plataformização à ideia de sociedade disciplinar, destinada a promover “[...] um duplo objetivo, eminentemente social: a elevação da produtividade geral da sociedade e a manutenção da ordem”. Nesse contexto, a sociedade disciplinar é incorporada aos moldes de uma sociedade digital, em que, segundo esses autores, “[...] os próprios processos de educar, de produzir saúde e bem-estar [...] começam a ser vistos como espaços diretos de valorização de capital” (Evangelista; Cruz, 2024, p. 15). Essas considerações oferecem um pano de fundo relevante para a discussão acerca da plataformização da educação.

Para Evangelista e Cruz (2024), é preciso compreender que as tecnologias nos permitem a ação no mundo, mas também que, como engrenagem basilar na produção capitalista, se tornam instrumentos para que interesses voltados ao lucro e

⁴ Empregamos a palavra “professora”, flexionada no feminino, reconhecendo que a profissão é exercida majoritariamente por mulheres, principalmente na etapa dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, *locus* deste artigo.

adversos ao campo educacional sejam mobilizados. Assim, para evidenciar tais relações, é preciso trazer à tona quais tecnologias são essas que estão sendo promovidas e inseridas nas salas de aula, quem as produz, como e quais são suas implicações sociais, éticas e estéticas, na e para a formação de estudantes – no caso deste trabalho, interessa-nos especialmente tratar de sua inserção em plataforma destinada a aferir a leitura nos anos iniciais.

A comparação entre os resultados da pesquisa TIC Educação (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2025), realizada antes e após o advento do ensino remoto emergencial decorrente da crise sanitária mundial, evidencia o avanço da adoção de plataformas nas escolas brasileiras. Segundo o relatório da pesquisa TIC Educação 2024 (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2025, p. 78), há disseminação contundente do “[...] uso de plataformas e serviços digitais entre os educadores e da presença dos estabelecimentos de ensino nos ambientes digitais”. Dentre os dados registrados no contato com professoras da Educação Básica “[...] 65% disseram ter utilizado ao menos uma plataforma educacional nos 12 meses anteriores à realização da pesquisa”.

Os impactos da plataformização da educação são também objeto de estudo do Observatório Educação Vigida (Observatório Educação Vigida, ([2026])), iniciativa que coleta e divulga dados no âmbito da educação pública no Brasil e na América do Sul, a fim de estimular o debate.

Pereira e Azzari (2025), que discutem os impactos da utilização de plataformas para avaliação na educação pública do estado de São Paulo, ressaltam que a adoção desses recursos digitais, do modo como tem sido feita, remete-nos a modelos de avaliação tecnicistas que emprestam à educação os moldes da organização empresarial (Laval, 2019).

Retomando as discussões de Biesta (2012), questionamos a ideia de que o emprego de plataformas, com ou sem recursos de IA, poderia, isoladamente, significar incremento qualitativo nos processos de ensinar, aprender e avaliar em contexto escolar. Nessa direção, destaca-se a ideia de Biesta (2012) de que o termo “qualidade”, ainda que polissêmico, é um dos mais “abusados” no que tange à educação. Assim, “[...] a ideia de qualidade não é estanque, não se trata de um

construto cuja definição esteja posta e seja de consenso. Ao contrário, é um construto histórico, temporal que muda de acordo com as demandas e exigências sociais” (Pereira; Azzari, 2025, p. 299).

Dessa forma, cabe-nos favorecer o debate crítico acerca da plataformização e suas implicações posto que, ao inserir plataformas tais como o Elefante Letrado nas rotinas escolares, as instituições educativas estão também adotando formas de controle, (con)formação, análise, vigilância e dadificação como métricas, mas também como resultados de avaliações mediadas por essas tecnologias.

A seguir, antes de mobilizarmos nossa análise da Elefante Letrado, descrevemos nossa fundamentação metodológica.

Apontamentos metodológicos

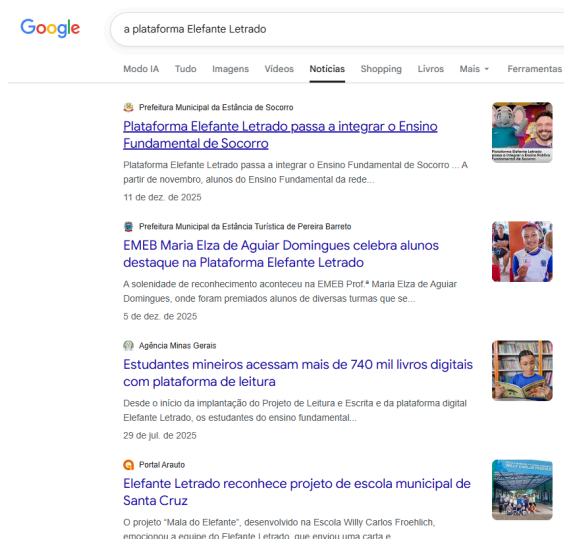
Ancoradas no paradigma da pesquisa qualitativa e de caráter interpretativo (Creswell; Creswell, 2021), desenvolvemos este estudo a partir da análise de extratos de materiais digitais produzidos e disponibilizados pela plataforma Elefante Letrado para a consulta de professoras, gestores, famílias, crianças e demais atores da comunidade escolar. Os trechos analisados são *prints* já apresentados no formato de imagem, que ilustram Figuras.

Optamos pela interpretação desses materiais porque foram coletados de ambiente digital de acesso aberto e público. Trata-se de recursos de apoio, oferecidos pelos desenvolvedores da plataforma em formato de Manual, que contém orientações e explicações em textos verbais ilustrados por capturas de tela da Elefante Letrado. O material está disponível na página on-line dos desenvolvedores e destina-se à promoção para a venda e a contratação do serviço.

Dentre os diversos aspectos, concentramo-nos no relatório de leitura gerados para as professoras, no dispositivo destinado a avaliar a fluência leitora, denominado “Fluencímetro”. Nossa análise interpretativa leva em conta a materialidade estética e as questões éticas que perpassam, permeiam e constituem o objeto em estudo, e o colocam em diálogo com as proposições teóricas tecidas neste trabalho.

Justificamos a escolha desse objeto considerando que, segundo informações do site, essa mídia já foi contratada por aproximadamente 13 mil escolas brasileiras, entre instituições públicas e particulares, como parte de ações que visam desenvolver a habilidade leitora das crianças nos Anos Iniciais. Além disso, uma rápida pesquisa realizada em março de 2026 com o descritor “plataforma Elefante Letrado”, e a ferramenta de busca Google Search (com o filtro “notícias”), resultou em múltiplos links para postagens de sites de secretarias estaduais de educação e de escolas municipais localizadas em estados como São Paulo, Paraná e Minas Gerais. Em todos esses resultados, apresentam-se ações educativas relacionadas à adoção de recursos da plataforma e/ou ao uso de sua função de IA para a avaliação da fluência leitora das crianças na escola pública, como ilustra a imagem na Fig. 1.

Figura 1 - *Print* de tela com resultados de busca com Google Search



Fonte: arquivo das autoras (2026).

Encarando o Elefante (Letrado) posto na sala (de aula)

A plataforma Elefante Letrado foi criada em 2013 com a intenção de oferecer uma ampla curadoria de textos para fomentar a leitura das crianças. Idealizada por Sheila Vontabel, decorre da vivência de uma mãe com a experiência de leitura de

suas filhas, como descreve a própria criadora (Elefante Letrado, [2026b]). A plataforma oferece uma biblioteca com diversos livros em português e em inglês selecionados por sua equipe de “especialistas”. Além disso, há outras “soluções”, como uma biblioteca para as professoras, jogos pedagógicos e relatórios de desempenho. Segundo o site da plataforma, a “grande inovação” é o Teste de Fluência Leitora, que usa IA para identificar a proficiência leitora dos estudantes.

Especificamente para os anos iniciais do Ensino Fundamental, a biblioteca digital em português oferece mais de 20 gêneros textuais (entre textos literários e informativos), organizados em cinco níveis de proficiência leitora. Os livros podem ser escutados e, quando lidos em voz alta, a plataforma permite a gravação de áudio dessa leitura.

No site da Elefante Letrado (Elefante Letrado, [2026a]), nos deparamos com uma de suas principais propostas: desenvolver habilidades de leitura voltadas “[...] para a vida produtiva no século 21 e para o bom desempenho em todas as áreas do conhecimento”.

Em relação a essa afirmação, compreendemos que se trata de uma visão de leitura epistemologicamente ancorada no método “tradicional” de alfabetização (Soares, 2004), e atrelada ao processo de apropriação como preparação para o mercado de trabalho (Laval, 2019). Ademais, a leitura é vista como um pré-requisito, uma habilidade anterior à aprendizagem de conhecimentos tidos como científicos (“bom desempenho em todas as áreas do conhecimento”). O termo “desempenho” remete à cultura de performance, amplamente difundida no universo empresarial, corroborando o que discutem Evangelista e Cruz (2024) e Freitas (2021).

Na aba “Quem somos” (Elefante Letrado, [2026b]), no site da plataforma, o texto (vide Fig. 2) esclarece que o elefante foi escolhido como mascote por “ser reconhecido por sua excelente memória”. Essa escolha nos permite interpretar que a leitura é associada ao processo de biologização da memória humana, tida exclusivamente por sua capacidade de armazenamento de informação. Apoiadas em Kramer e Melo (2000), entendemos que tal visão é bastante limitada (e inclusive defasada) acerca da memória e de seu papel no desenvolvimento da leitura. Ademais, em nossa interpretação, tal associação da memória com a leitura indica

poucas possibilidades e contribuições desse recurso para o trato da leitura como experiência para significar tanto os tempos da vida quanto para promover o lazer e a fruição.

Figura 2 - Print de tela da aba Quem somos do site da Elefante Letrado

Mas por que Elefante Letrado? Escolhemos um elefante como mascote porque ele é reconhecido por sua excelente memória. Memória está associada a legado, a história, a bagagem de conhecimento - tudo o que se deseja conquistar através dos livros. Além disso, a memória é um dos principais pilares da leitura. E quem tem melhor memória do que um elefante?

Elefante Letrado tem o propósito de ajudar a transformar vidas por meio da leitura. É uma missão complexa e emocionante! Estamos honrados por participar dos esforços de todos aqueles que priorizam a educação e a cultura, elegendo a leitura como um instrumento de transformação.

Scheila Vontobel, Sócia-fundadora do Elefante Letrado.

Fonte: arquivo das autoras (2026).

Nesse mesmo trecho, emprega-se a expressão “bagagem de conhecimento”, que também faz inferência à perspectiva de que o desenvolvimento da leitura e o aprendizado implicam a absorção de informações “transmitidas” pelos livros (ou pela professora), para uma possível reprodução em avaliação. Novamente, observamos que o conhecimento está ligado à informação, como algo a ser depositado e à parte da história dessa criança, o que vai ao encontro das críticas feitas por Freire (2023; 2025).

Ainda sobre o site oficial da Elefante Letrado, observamos que a biblioteca digital possui uma variedade e riqueza de livros. Não criticamos esse acervo, mas sim o uso exclusivo dos livros digitais. A ida às bibliotecas físicas envolve a movimentação e a autonomia de escolha da criança, um processo de reconhecer e valorizar seus próprios interesses. Além disso, o contato com livros físicos de tecido, bordados e táteis, oportuniza experiências estéticas (Kramer; Mello, 2000) e sensoriais, que desafiam a concepção de leitura enquanto decodificação linear. Os diversos modos de manusear, descobrir e explorar também podem ser planejados

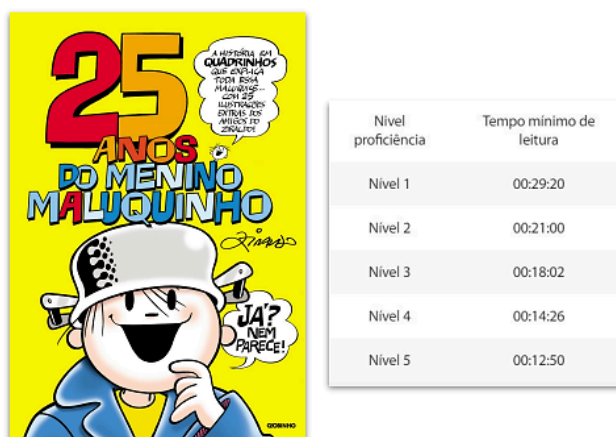
pelas professoras, envolvendo as brincadeiras e a oralidade da cultura infantil, como cantigas e parlendas.

Contudo, os livros na plataforma são entendidos como meios de avaliação da leitura, sendo a gamificação um de seus principais recursos. O sistema de *ranking* pode tornar a aprendizagem competitiva e individualista, no sentido das atividades se transformarem em moeda de troca de recompensas. Observamos, então, uma perspectiva de aprendizagem enquanto algo mensurável que circunda a dimensão da qualificação, negligenciando a subjetificação (Biesta, 2020). Essa perspectiva também desconsidera a característica social e interativa das práticas de letramento e a potencialidade das discussões e diálogos decorrentes da leitura para o desenvolvimento dos letramentos críticos (Matos, 2011; Monte Mor; Duboc; Ferraz, 2021).

Em alguns pontos, é possível afirmar que as atividades propostas na plataforma podem, de certa maneira, contribuir para o exercício da leitura crítica do mundo. Mas, ainda assim, ao ser colocada diante das telas e a interagir exclusivamente com a mediação tecnológica digital, a criança permanece em uma postura de responder a enunciados de questões descontextualizadas de seu contexto social e cultural. Mattos (2011) e Freire (2023) concordam que a leitura não se trata de identificar ou mesmo aceitar supostos sentidos expressos pelo autor, mas, ao contrário, é ação que fomenta diálogos e sentidos outros, especialmente quando há espaços para estimular o questionamento diante dos textos lidos.

As Fig. 3 e 4 nos remetem à funcionalidade da plataforma que utiliza modelo de IA para avaliar a fluência leitora. Ao lado do texto escolhido, há um quadro com dados que parametrizam a proficiência de acordo com o tempo despendido para a leitura.

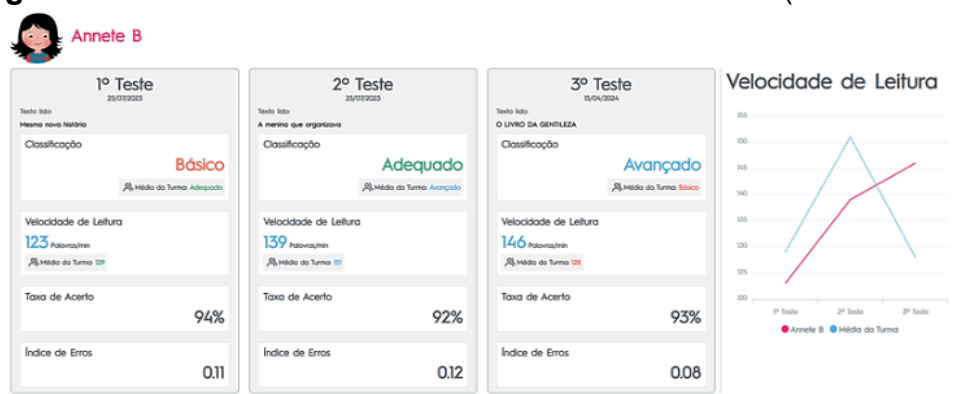
Figura 3 – Print de Tabela com nível de proficiência.



Tempos mínimos esperados para a leitura da obra 25 anos do Menino Maluquinho nos 5 diferentes níveis.

Fonte: Elefante Letrado (2020, p. 37).

Figura 4 – Print do Relatório do Teste de fluência leitora (Fluencímetro).



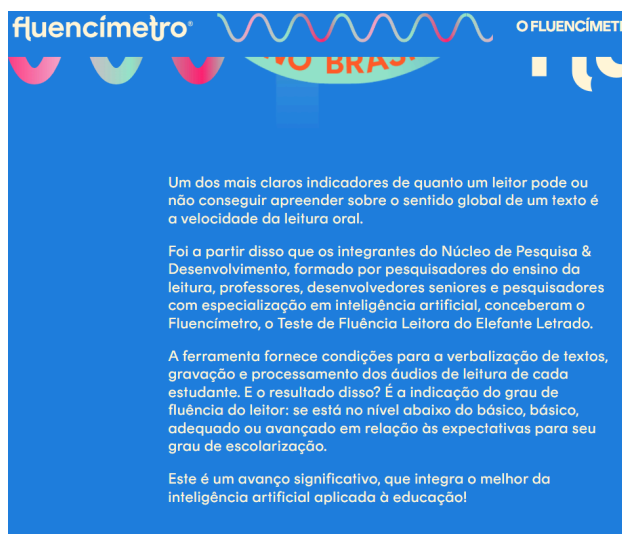
Fonte: arquivo das autoras (2026).

A Figura 4 traz representações do recurso que possibilita o Teste de Fluência Leitora (Fluencímetro). Fundamentado na velocidade e tempo médio empregados para a leitura, e associada a supostas contribuições da IA para a educação, essa funcionalidade está atrelada ao discurso da inovação digital (Facer; Selwyn, 2021; Castro; Kalantzis; Cope, 2024; Evangelista; Cruz, 2024), apoiando-se na capacidade das plataformas de gerarem evidências quantitativas do desenvolvimento educacional. Observamos a ênfase nas estatísticas, gráficos e percentuais que são parametrizados para gerar indícios do aprendizado e formação leitora da criança. No

entanto, não há clareza quanto aos fundamentos para tais métricas, embora nossa análise crítica nos permita identificar que se trata de uma visão rasa do que é a fluência leitora, de como identificá-la e de suas principais implicações no e para o desenvolvimento integral dos estudantes.

A Fig. 5 traz em destaque uma imagem em que se descreve o carro-chefe da Elefante Letrado: o Fluencímetro e suas fundamentações.

Figura 5 - Print da aba Fluencímetro da Elefante Letrado.



Fonte: arquivo das autoras (2026).

O excerto na imagem que ilustra a Fig. 5 enuncia que “um dos mais claros indicadores de quanto um leitor pode ou não conseguir apreender sobre o sentido global de um texto é a velocidade da leitura oral”. Entendemos haver aqui um equívoco em relação à ideia de “apreensão de sentido global de um texto”. Trata-se de uma visão ultrapassada do que é a compreensão textual, firmada na concepção de texto como detentor de uma mensagem estática, constituída por significados monolíticos, fixos e que precisam ser “apreendidos” por um “bom” leitor. Assim como discutem Soares (2004; 2021) e Azzari (2017), essa visão está pautada na ideia de que há um emissor, uma mensagem e um receptor, estanques em seus papéis, um ativo e outro passivo, cabendo a este a tarefa de desvendar significados postos de forma clara e indiscutível por aquele em um texto cuja mensagem precisa ser

resgatada.

Tal premissa desconsidera todo o trabalho realizado e publicado por pesquisadores, tais quais aqueles do Projeto Nacional de Letramentos (Monte Mor; Duboc; Ferraz, 2021), entre outros tantos, que vêm na esteira dos estudos da Linguagem que há muito falam na leitura como processo de (re)construção de sentidos. O leitor é interlocutor, ativo e criativo, que (re)elabora e negocia significados a partir da materialidade textual. Logo, a compreensão leitora abarca o repertório cultural e identitário do leitor, que é tanto individual quanto fruto da coletividade, uma construção permeada por experiências e vivências social e historicamente situadas. A velocidade da leitura oral está longe de ser o único parâmetro para a compreensão leitora, seja ela global ou específica, posto que compreender significa mais do que apreender significados.

Ademais, a fluência leitora é fruto de um desenvolvimento progressivo, que demanda tempo, que acompanha o crescimento físico, psicossocial e emocional da criança ao longo de sua progressão nos anos escolares (Pires; Silva; Germano, 2024). Assim, reduzir a fluência de leitura à associação entre grafemas e fonemas e à velocidade com que se lê um texto implica apagar o potencial transformador da leitura como ato estimulador da criticidade e da reflexão sobre si mesmo, sobre o mundo e suas múltiplas realidades e contextos.

Isso posto, encaminhamos nossa discussão para as últimas considerações deste texto.

O que fazer com o elefante que ocupa a nossa sala

Além das questões pontuadas na seção anterior, devemos também considerar que quaisquer atividades de docentes e discentes na Elefante Letrado geram um enorme volume de dados que são apropriados pelas Secretarias de Educação (e pela própria empresa desenvolvedora). Essas informações servem para muitas coisas e, entre elas, está o propósito de monitorar e avaliar os atores escolares. Afinal, poucos de nós leem os Termos de Uso de Dados das muitas plataformas que acessamos diariamente antes de utilizá-las.

Nenhuma tecnologia é neutra, desprovida de perspectivas ideológicas ou isenta de interesses que tensionam relações de poder. A escolha por currículos, práticas e recursos didáticos estará sempre orientada por visões de mundo e epistemologias que sustentam o que é educar, qual o papel e o lugar de educadores, da escola, da família e do Estado nesse processo. Nesse sentido, a recente expansão na adoção de plataformas como a Elefante Letrado reflete a lógica capitalista e empresarial que orienta a plataformização e direciona a contratação dessas tecnologias como meio e instrumento de objetificação de dados subjetivos, de comprovação quantitativa imediatista para o que deveria ser um desenvolvimento processual.

Por suposto, não pretendemos contrapor a relevância e o potencial das avaliações no acompanhamento e no aprimoramento das práticas educativas, posto que ocupam lugar de destaque na detecção de lacunas, problemas, dificuldade e apoiam o planejamento, o remanejamento e a calibração dos elementos que compõem a Educação. Porém, não é disso que trata o objeto em pauta neste trabalho.

A Elefante Letrado, por intermédio de seu Fluencímetro, denota exatamente que visões de educação estruturam sua ferramenta. Trata-se do discurso da performance, da produtividade, do desempenho quantitativo como indicador de sucesso, realização e progressão. Trata-se da adoção (in)discriminada da IA como moeda simbólica que atesta inovação, melhoria e qualidade no ensino e na aprendizagem. Trata-se da valorização da pedagogia tecnicista que, a exemplo do que já informava Saviani em 2003, é fruto de um racionalismo que quer imprimir à educação um caráter de neutralidade científica, quantificável, metrificável.

Conforme discutimos, a simples adoção de métricas para a avaliação da compreensão textual conectada à fluência reduz a leitura a quantificadores superficiais e ignora os diversos elementos constituintes dos complexos processos de construção de sentidos.

Resta-nos perguntar: e agora? O que fazer com os elefantes postos na sala de aula? Que espaços, brechas, fissuras e meios podemos encontrar para retirar ou, ao menos, desviar desses fluxos tecnicistas, retrógrados e reguladores?

Infelizmente, não temos, neste momento, uma resposta exata, predefinida e reveladora para essas indagações. Mas, podemos apontar possibilidades, pautadas no esperar e no resistir freireanos.

Podemos fazer pesquisas, apresentar dados com “especialistas” devidamente nomeados e consubstanciar nossa indignação com evidências empíricas e sustentadas pelas Ciências da Educação, da Linguagem e de seus campos correlatos. Podemos mover os elefantes para seus devidos lugares e ocupar as salas de aula com o afeto, as interações humanas, o convívio respeitoso às diferenças e às diversidades, a experiência docente e discente, as trocas e diálogos transformadores. Podemos (re)tomar os tempos-espacos das formações iniciais e continuadas de professores e professoras e refletir sobre o passado e o presente para, construindo conhecimentos conjuntos, alavancarmos futuros sociais mais justos, equitativos e humanos.

Ou, ainda, podemos simplesmente ignorar os elefantes postos em nossas salas e seguir torcendo para não sermos pisoteados por eles em nosso caminhar.

Referências

APPLE, Michael W. *Ideologia e currículo*. Tradução de Vinicius Figueira. Porto Alegre: Penso, 2024.

AZZARI, E. F. *Discursos sobre a presença de tecnologias em aula de inglês na educação básica: abismos e pontes*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2017. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/981891>. Acesso em: 12 mar. 2026.

AZZARI, E. F. Educação e IA generativa: perspectivas e desafios. In: LOPES, A. G.; SIMONI, J.; LEITE, J. L.; ANDRADE, P. C. de (org.). *Inteligência Artificial na Educação Básica: Conceitos, Práticas e Ética*. Campinas: Editora Splendet, 2024, p. 43-66.

BIESTA, G. Boa educação na era da mensuração. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 147, p. 808-825. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000300009>.

BIESTA, G. Risking ourselves in education: qualification, socialization, and

subjectification revisited. *Educational Theory*, Urbana, v. 70, n. 1, p. 89-104, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1111/edth.12411>.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*: educação é a base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 jul. 2026.

BRASIL. Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019. *Institui a Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, DF: Presidência da República, 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d9765.htm. Acesso em: 15 jul. 2026.

CARVALHO, M. G. M.; SOUZA, A. C. Avaliação da leitura no Brasil entre os anos 2014-2020: instrumentos e habilidades. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 49, e259865, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349259865>.

CASTRO V. C. de; KALANTZIS, M.; COPE, B. Letramento na era da Inteligência Artificial. *Caderno de Letras*. UFF, Niterói, v. 35, n. 69, p. 44-64, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/63346>. Acesso em: 12 mar. 2026.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

ELEFANTE LETRADO. *Elefante Letrado*: plataforma digital de leitura para escolas. Porto Alegre: Elefante Letrado, [2026a]. Disponível em: <https://www.elefanteletrado.com.br/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

ELEFANTE LETRADO. *Manual Elefante Letrado*. 2020. Disponível em: http://ntescs.pbworks.com/w/file/etch/142328901/SEDUC_Manual%20de%20Uso%20Elefante%20Letrado%202020.pdf. Acesso em: 5 mar. 2026.

ELEFANTE LETRADO. Quem somos. Porto Alegre: Elefante Letrado, [2026b]. Disponível em: <https://www.elefanteletrado.com.br/quem-somos>. Acesso em: 12 mar. 2026.

ELEFANTE LETRADO. *Teste de Fluência Leitora*: reconhecendo o presente para planejar e conquistar os resultados do futuro. Porto Alegre: Elefante Letrado, 2023. Disponível em: <https://contato.elefanteletrado.com.br/lp-teste-de-fluencia-leitora>. Acesso em: 15 jul. 2026.

EVANGELISTA, R.; CRUZ, L; R. Plataformas educacionais e a emergência de uma educação cibernética. In: EVANGELISTA, R. (Org.) *Educação em um cenário de plataformização e de economia de dados*. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2024. p. 13-19.

FACER, K.; SELWYN, N. *Digital technology and the futures of education*: towards

'non-stupid' optimism. Paris: UNESCO, 2021. 19 p. Disponível em:
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377071>. Acesso em: 12 mar. 2026.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREITAS, L. C. de. *Neotecnicismo digital*. 11 jul. 2021. Disponível em:
<https://avaliacaoeducacional.com/2021/07/11/neotecnicismo-digital/>. Acesso em: 4 mar. 2026.

FREITAS, L. C. de. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1085-1114, out./dez. 2014. DOI:
<https://doi.org/10.1590/ES0101-73302014143817>

GONÇALVES, E. M. R.; PIETRI, E. Entre práticas e concepções: uma revisão bibliográfica sobre leitura e escrita na Educação Infantil. *Revista Brasileira de Alfabetização*, Florianópolis, n. 25, e5991, 2025. DOI:
<https://doi.org/10.47249/rba2025991>

KRAMER, S.; MELO, D. Leitura e escrita como experiência. *Revista Presença pedagógica*, Belo Horizonte, v. 6, n. 31, p. 17-27, 2000. Disponível em:
https://www.academia.edu/11635172/LEITURA_E_ESCRITA. Acesso em: 3 mar. 2026.

LAVAL, C. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Campinas: Autores Associados, 2019.

MATTOS, A. M. de A. Novos letramentos, ensino de língua estrangeira e o papel da escola pública no século XXI. *Revista X*, Curitiba, v. 1, n. 1.2011, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/22474>. Acesso em: 13 mar. 2026.

MEDEIROS, F. C. M. de; MANZÉ, A. H.; SHIMAZAKI, E. M. Avaliação da fluência em leitura: análise e discussão para a escola atual. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 9, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/12695>. Acesso em: 12 mar. 2026.

MELO, R. A.; TASSONI, E. C. M.; ROCHA, M. S. P. de M. L. da. A leitura e a escrita em documentos oficiais brasileiros na transição Educação Infantil-Ensino Fundamental. *Acta Scientiarum Educ.*, Maringá, v. 47, 2025. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/72638/751375161150>. Acesso em: 12 mar. 2026.

MONTE MOR, W.; DUBOC, A. P.; FERRAZ, D. Critical Literacies Made in Brazil. In: PANDYA, J. Z. et al. (ed.). *The handbook of critical literacies*. Londres: Routledge, 2021. p. 133-142. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/360001086_Critical_Literacies_Made_in_Brazil. Acesso em: 12 mar. 2026.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (NIC.br). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras*: TIC Educação 2024. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), 2025. ISBN 978-65-85417-93-8. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/pt-br/20251217165522/tic_educacao_2024_livro_completo.pdf. Acesso em: 15 jul. 2026.

OBSERVATÓRIO EDUCAÇÃO VIGIADA. *Sobre*. [S. l.]: Observatório Educação Viglada, [2026]. Disponível em: <https://educacaovigiada.org.br/pt/sobre.html>. Acesso em: 13 mar. 2026.

PEREIRA, E. da S.; AZZARI, E. F. Plataformas digitais para avaliação: impactos na educação pública paulista. In: Membros do Grupo REDEPEL, quinta geração. *Diversidade educativa na América Latina*: diferentes contextos de ensino, aprendizagem, avaliação e as políticas públicas. Santo Ângelo: Ilustração, 2025, p. 295-308. Disponível em: <https://www.editorailustracao.com.br/media/pdfs/448/EfStczQDq6Gu.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2026.

PIRES, R.; SILVA, R. G.; GERMANO, G. D. Fluência de leitura em escolares do ensino fundamental: Uma revisão sistemática. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 19, 2024. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/18361/18219>. Acesso em: 12 mar. 2026

PROJETO NACIONAL DE LETRAMENTOS. *Projeto Nacional de Letramentos*: linguagem, cultura, educação e tecnologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, [2026]. Disponível em: <https://letramentos.fflch.usp.br/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SOARES, M. *Alfaletrar*: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>.

Recebido em: 14 mar. 2026.
Aprovado em: 08 abr. 2026.



AZZARI, E. F.; PUTTOMATTI, V. F.
Um Elefante Letrado na sala de aula dos anos iniciais: (des)caminhos da plataformização na
educação

Revisor(a) de língua portuguesa: Blenda Messias
Revisor(a) de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi
Revisor(a) de língua espanhola: Calebe Rodrigues Caleffi

